



A COMPLEXIDADE DOS ESTUDOS URBANOS: O DOCUMENTÁRIO COMO MEIO DE LEITURA URBANA

*THE COMPLEXITY OF URBAN STUDIES: DOCUMENTARY AS A MEANS OF URBAN
READING*

*LA COMPLEJIDAD DE LOS ESTUDIOS URBANOS: EL DOCUMENTAL COMO MEDIO DE
LECTURA URBANA*

TEORIAS E MÉTODOS NO CAMPO AMPLIADO

Autor 1

TEIXEIRA, Pedro

Mestre e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo; Instituto de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo (IAU-USP)
pedrot@usp.br

Autor 2

TRAMONTANO, Marcelo

Professor Associado Doutor; Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
(IAU-USP)
tramont@usp.br



A COMPLEXIDADE DOS ESTUDOS URBANOS: O DOCUMENTÁRIO COMO MEIO DE LEITURA URBANA

RESUMO

Entendendo a Arquitetura e Urbanismo como um campo fundamentalmente transdisciplinar, o presente artigo reflete sobre a possibilidade de uso do filme documentário no campo dos Estudos Urbanos focando-nos na compreensão do audiovisual como meio de leitura urbana. Vislumbrando a existência de uma relação intrínseca entre a origem do documentário e a configuração teórico-prática do conceito de cidade, propomos nos aprofundar nesta discussão a partir de referências que tratam da percepção do espaço urbano sob a chave da vida cotidiana, a partir do qual a linguagem audiovisual se constitui como uma abordagem metodológica voltada à produção de novos entendimentos sobre tais territórios. Mais do que pensar o espaço construído, o trabalho visa estabelecer entendimentos que emergem do vínculo entre experiências subjetiva e coletiva, compreendendo o documentário como possível catalisador de tais processos de leitura, compreensão e transformação da realidade. Elegemos como ponto de partida desta investigação a noção de *leitura da cidade*, discutindo-a à luz da ideia de *leitura do mundo*, tecendo uma interlocução entre Estudos Literários, Pedagogia e Estudos Urbanos. A fim de elucidar tal formulação, elegemos como estudo de caso a experiência de realização audiovisual de Jean Rouch em Moçambique. Por fim, nas considerações finais do trabalho, apontamos e debatemos as potencialidades e os limites de tal aproximação, examinando as formas de efetivação de uma abordagem transdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: documentário. audiovisual. leitura urbana. transdisciplinaridade. antropologia visual.

ABSTRACT

Understanding Architecture and Urbanism as a fundamentally transdisciplinary field, this article deals with the possibilities of using documentary film in the field of Urban Studies, focusing on the comprehension of audiovisual as a means of urban reading. Glimpsing the existence of an intrinsic relationship between the origin of the documentary and the theoretical-practical configuration of the concept of city, we propose to deepen into this discussion based on references that deal with the perception of urban space from the perspective of the everyday life, in which audiovisual language qualifies as a methodological approach for the production of new understandings about such territories. More than thinking about the built space, this work aims to establish understandings that emerge from the correlation between subjective and collective experiences, recognizing documentary as a possible catalyst for such processes of reading, understanding, and transforming reality. As the starting point for our investigation, we take the notion of reading of the city and discuss it in light of the idea of reading the world, weaving an interlocution between Literary Studies, Pedagogy and Urban Studies. To elucidate this formulation, we chose as a case study the experience of Jean Rouch's audiovisual production in Mozambique. Finally, in the final considerations of the work, we point out and discuss the potentialities and limits of such an approach, examining the ways of implementing a transdisciplinary approach.

KEYWORDS: documentary. audiovisual. urban reading. transdisciplinarity. visual anthropology.



RESUMEN

Entendiendo la Arquitectura y el Urbanismo como un campo fundamentalmente transdisciplinar, este artículo reflexiona sobre las posibilidades de utilización del cine documental en el campo de los Estudios Urbanos, centrándose en entender el audiovisual como medio de lectura urbana. Vislumbrando la existencia de una relación intrínseca entre el origen del documental y la configuración teórico-práctica del concepto de ciudad, nos proponemos profundizar en esta discusión a partir de referentes que abordan la percepción del espacio urbano bajo la clave de la vida cotidiana, en el que el lenguaje audiovisual se califica como un enfoque metodológica encaminada a producir nuevas comprensiones sobre tales territorios. Más que pensar en el espacio construido, el trabajo pretende establecer comprensiones que emergen del vínculo entre la experiencia subjetiva y colectiva, entendiendo el documental como un posible catalizador de dichos procesos de lectura, comprensión y transformación de la realidad. Elegimos como punto de partida de nuestra investigación es la noción de lectura de la ciudad, discutiéndola a la luz de la idea de lectura del mundo, tejiendo un diálogo entre Estudios Literarios, Pedagogía y Estudios Urbanos. Para dilucidar esta formulación, seleccionamos como estudio de caso la experiencia de producción audiovisual de Jean Rouch en Mozambique. Por último, en las consideraciones finales del trabajo, señalamos y debatimos las potencialidades y límites de tal enfoque, examinando las formas de implementar un enfoque transdisciplinario.

PALABRAS-CLAVE: documental. audiovisual. lecturas urbanas. transdisciplinaridad. antropología visual.



A ARQUITETURA E URBANISMO NA ENCRUZILHADA

Pensar e viver a cidade é um exercício inerentemente complexo. À medida que circulamos e nos estabelecemos no espaço urbano, construímos fronteiras simbólicas que influem não apenas sobre a sua paisagem e organização como também nas formas de interação. Da convivência com subjetividades outras, surgem espaços de sociabilidade que, longe de serem inalteráveis, são justamente o contrário. Objetos de constantes disputas e apropriações, esses espaços refletem a pluralidade de modos de vida que constituem a experiência urbana e exibem as alianças e conflitos que ocorrem sobre a sua trama, contribuindo para a “(...) formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de contextos espaço-temporais flexíveis, mais efêmeros e híbridos do que territórios sociais identitários.” (Arantes, 1994, p. 191) Em outras palavras, o processo de constituição da cidade se define pela atribuição de significados compartilhados a partir dos quais suas ruas, praças e monumentos se tornam culturalmente ambíguos, tendo os seus respectivos sentidos subjugados ao sujeito que as utiliza e às relações que ele constrói sobre esses espaços.

Igualmente complexo é o campo da Arquitetura e Urbanismo, sobretudo no contexto brasileiro, não apenas por lidar com essa referida *práxis* urbana, mas por ser concebida enquanto disciplina que lida com diferentes escalas. Como aumenta Maurício Campomori (2013), ao contrário de países que priorizam uma formação especializada – como em Arquitetura, Planejamento Urbano ou Paisagismo, por exemplo – a formação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil integra todas essas várias abordagens sobre um campo comum, propiciando a sua aproximação a outras áreas do saber ligadas ao pensamento urbano e revelando a possibilidade de complexificação do conhecimento produzido. Para o autor, uma das potencialidades de tal atributo reside na superação das fronteiras que separam e distinguem as várias disciplinas situadas nessa intrincada arena epistemológica. Em suma, “a arquitetura é, em última análise, a superação da simples idéia de ‘integração’, dando origem ao que anteriormente se definiu como ‘interação dinâmica’ ou, em outras palavras, a transdisciplinaridade” (Campomori, 2004). A isto também se soma a gradual valorização e incorporação de saberes ancestrais à produção do conhecimento. Se antes eram marginalizados e/ou desconsiderados pela epistemologia dominante, tais formas de percepção e relação com o mundo têm sido cada vez mais debatidos e incorporados ao saber-fazer arquitetônico e urbanístico.

A intrincada trama a partir da qual se delineia a Arquitetura e Urbanismo como disciplina ecoa em sua *práxis*, situando-a em uma encruzilhada, uma vez que, além de agregar múltiplos conhecimentos, inevitavelmente traz consigo a complexidade dos Estudos Urbanos com suas múltiplas perspectivas e formas de leitura. A saber, seria uma encruzilhada epistemológica no sentido de seu posicionamento em um “(...) lugar de possibilidades, de tensão criativa que pode suportar a contradição e a alteridade, um lugar que permite o surgimento do inesperado, do inacabado e, nessa medida, se opõem à universalidade e à totalidade que marca o domínio colonial.” (David & Assuar, 2021, p. 19) Pela condição privilegiada sobre a qual se encontra a Arquitetura e Urbanismo, essa se torna um campo promissor para a formulação e proposição de abordagens teórico-práticas que potencializam uma produção do conhecimento mais ampla



e aberta, incorporando conhecimentos e visões de mundo para além da lógica hegemônica, sendo catalisadas por metodologias de caráter transdisciplinar. Buscamos neste artigo iniciar um debate acerca dessa possibilidade, sustentando um saber-fazer arquitetônico e urbanístico que aponte direções a serem seguidas a partir da encruzilhada sobre a qual nos encontramos.

DOCUMENTÁRIO E CIDADE: UMA BREVE RECAPITULAÇÃO

O audiovisual constitui-se como campo em constante evolução que tem, desde o fim do século XIX, oferecido novos modos de compreensão da cidade. Em nossa investigação, partimos da compreensão de que a relação entre audiovisual e cidade tem sua origem em um contexto mais complexo e profundo do que o mero encantamento que o advento do cinema trouxe através de suas técnicas e estéticas. Para tanto, sustentamos o entendimento de que estes dois partilham de princípios e preceitos ontológicos que tornam tal relação intrínseca e contígua. Como forma de embasar este debate, tomamos como exemplo a própria emergência do cinema com o trabalho de Louis e Auguste Lumière, cujos registros permitem uma apreciação da metrópole – ainda em vias de constituição e assimilação – enquanto um novo modelo urbano, configurando, assim, uma nova maneira de documentação, bem como um novo suporte para a produção de reflexões sobre o mundo histórico.

Com o desenvolvimento industrial, a expansão das linhas férreas e a consolidação dos centros financeiros, as cidades tornaram-se espaços fundamentalmente heterogêneos e dinâmicos, em consonância às análises de Georg Simmel (1973). Nesse panorama, a realização dos primeiros registros visuais, que ocorre em paralelo ao progresso socioeconômico dessas cidades, passou a representar uma possibilidade de observação da emergência da metrópole como um modelo urbano. A criação da câmera e a realização de experimentos por referências como os Louis e Auguste Lumière contribuíram de modo significativo para a concepção de formas de percepção e compreensão da vida urbana, principalmente através da captura de cenas que retratam o crescimento urbano marcado por novos modos de vida. Ao filmarem cenas do cotidiano, como a saída de trabalhadores de uma usina ou a chegada de um trem na estação, possivelmente os irmãos não tinham consciência do que o cinema se tornaria no século seguinte, mas já sabiam que ali residia um grande potencial no sentido de sua exploração metodológica, como indicou Louis Lumière ao descrever o seu trabalho enquanto uma investigação técnica (Da-Rin, 2002).

Analisando *Sortie d'une usine Lumière à Lyon* (1985), Jean Rouch destaca a falta de atenção que os trabalhadores filmados depreenderam à câmera no instante em que eram registrados. Como aponta, os operários passaram a apreender tais cenas apenas após a realização de uma sessão de exibição dos registros, momento no qual experienciaram algo nunca antes sentido por eles: “Eles experimentaram aquele medo do contato fatal com um sócio.” (Rouch, 1995, p. 81, tradução nossa) Com efeito, o cinema trouxe consigo desde o início a surpresa e o fascínio em relação às imagens exibidas perante espectadores que se reuniam em cafés e outros pequenos espaços públicos. Dentre as exibições da época, destacavam-se as *atualidades*, filmes caracterizados justamente por imagens do cotidiano, como as capturadas pelos irmãos Lumière. O encantamento por esse tipo de exibição, na visão de Mônica Dall’Asta (1998), resultaria do



reconhecimento daquilo que era vivido e que posteriormente passou-se a entender enquanto modernidade: da ciência, processos industriais, explorações geográficas, meios de transporte a outros tantos fatores, incluindo a própria metrópole.

Ainda que o conceito de *atualidades* se distinga consideravelmente de outros modos de produção audiovisual, é possível dizer que o documentário é aquele que mais se aproxima dessa sorte de filmes. Embora não possam ser aplicados como sinônimos, como assinala Sílvia Da-Rin (2002), são verificadas aproximações que estabelecem relações diretas entre os dois. As principais afinidades – e aquelas que mais nos interessam – dizem respeito a um engajamento *no* e *com* o mundo, construída a partir da experiência cotidiana, e a configuração de uma *práxis* própria (Comolli, 2008). Como sintetizou Jean-Louis Comolli,

Desta dificuldade que lhe é imposta de alguma maneira “de fora”, o cinema documentário tira todas as suas riquezas. Obrigação de experimentar, de tentar aproximações ajustadas às armadilhas sempre novas do mundo a filmar. Obrigação de imaginar, de testar, de verificar os dispositivos da escritura – inéditos na medida em que eles só podem estar intimamente ligados a um lugar particular, um traço do mundo. (Comolli, 2008, p. 177)

Por esta mesma razão, é possível entender que o cinema não se constitui de maneira síncrona e ligada à cidade por fatores meramente históricos, mas também por tentativas de compreensão da modernidade. Filmar a cidade da multidão, do movimento e das grandes transformações, exigia necessariamente a busca de meios para a percepção e a apreensão da complexa trama de vidas que se entrecruzam (Simmel, 1973), como buscou fazer Louis Lumière com sua proposta metodológica através do audiovisual. Certamente, a produção teórico-prática aplicada ao documentário no decorrer do século XX se mostra limitada quando cotejada com o esforço investido ao gênero de ficção, como apontou o próprio Louis Lumiere (Sadoul, 1964 apud Da-Rin, 2002, p. 29). Contudo, apesar das dificuldades e contingências enfrentadas no âmbito da realização documental, uma breve revisão sobre a sua produção evidencia experiências e projetos audiovisuais de extremo êxito no que se refere ao desenvolvimento de modos de observação e compreensão do mundo histórico, incluindo meios de assimilação do espaço urbano, que aqui chamamos de *leitura urbana*.

A DEFINIÇÃO DE LEITURA URBANA

A aplicação do termo *leitura urbana* deriva da exploração de uma outra expressão reconhecida no campo dos estudos urbanos, a *leitura da cidade*, e sua proposta parte sobretudo de uma reflexão crítica acerca da noção de urbano. Ao aventarmos essa sutil mudança terminológica sustentamos a ideia da cidade não como lugar, mas como processo, e do urbano como teoria, justificando sua compreensão enquanto “uma prática social em curso, uma prática urbana em processo de formação.” (Lefebvre, 2003, p. 17, tradução nossa) Adotando uma perspectiva lefebvriana para esta discussão, buscamos enfatizar particularmente o conceito de espaços de representação, isto é, do espaço vivido, do espaço fundado na vida cotidiana, cuja materialidade



se origina do encadeamento entre experiências subjetiva e coletiva. Portanto, ao sugerirmos o uso do termo *leitura urbana*, suscitamos uma compreensão de espaço menos apoiada no espaço físico e mais baseada nas relações intersubjetivas, que, por sua vez, são responsáveis pela atribuição de significados dos símbolos e elementos desse mesmo espaço.

Cabe ressaltar que a proposta de uso do termo posto em discussão não visa anular ou diminuir outras terminologias relativas a este tema, mas contribuir para uma possível ampliação crítico-reflexiva acerca de proposições teórico-metodológicas que escapam à lógica substancialmente material do pensamento urbano. Entendendo que a noção de urbano que sustentamos não se limita a um campo do conhecimento particular, consideramos essencial a interlocução com saberes e proposições teóricas para além da Arquitetura e Urbanismo. Neste estudo, encontramos na conjugação entre Estudos Literários, Pedagogia e Estudos Urbanos um terreno consideravelmente fértil não apenas para refletir sobre a noção de leitura urbana, mas também trazer essa discussão à nível prático, pensando em formas de desenvolver ações que tenham o audiovisual como meio de observação, percepção, compreensão e transformação do espaço urbano. Sendo assim, o presente trabalho é uma investigação que tem a sua origem no campo da Arquitetura e Urbanismo, mas se desdobra no sentido de estabelecer interlocuções com outros campos do conhecimento, apontando em direção a uma prática transdisciplinar.

Como ponto de partida desta confabulação, tomamos com base o conceito de leitura da cidade de Lucrécia D'Alessio Ferrara (1986) que, além de se fundamentar na noção da cidade enquanto texto não-verbal composto por signos físicos, tais como edifícios, monumentos e vias de tráfego, também enfatiza o aspecto subjetivo de sua construção, compreendendo a importância da experiência de seus intérpretes – ou habitantes – nesse território e do encontro entre essas diferentes subjetividades. O debate suscitado por Ferrara suprime possibilidades interpretativas fechadas e inquestionáveis, sugerindo uma interpretação aberta e mutável, dependente dos itinerários, encontros e relações estabelecidas sobre o espaço. Neste sentido, o conceito de leitura adotado implica na recusa a verdades absolutas e no acolhimento da diversidade de saberes e visões de mundo, uma vez que, como demonstrado, sua definição se constrói a partir da articulação entre subjetividade e coletividade, que, quando efetivamente conjugadas, resultam na elaboração de significados compartilhados sobre os quais habitantes de um mesmo território podem debater, refletir e agir.

Ao discutirmos acerca do termo *leitura urbana* a partir da experiência cotidiana, nos voltamos para um debate que incorpora outros conhecimentos e visões de mundo para além da Arquitetura e Urbanismo. Encontramos na ideia de *leitura do mundo*, de Paulo Freire (1985), um forte correspondente para localizar a origem de tal ideia e verificar os seus pressupostos prático-teóricos. O debate freireano nos é caro por sustentar a de que a leitura é um ato inerente ao ser humano desde o seu nascimento, transcendendo a noção de decodificação da escrita textual. Ler o mundo, segundo Freire, decorre da relação que o indivíduo estabelece com o seu entorno, de elementos físicos a outros indivíduos, a partir do qual ele se desenvolve enquanto sujeito. Ao estabelecer relações com elementos e outros sujeitos circunscritos em um espaço comum, o



indivíduo aprimora a sua capacidade de percepção e reflexão, aprendendo a se posicionar criticamente em relação aos fenômenos e eventos vividos, inclusive verbalmente. Neste sentido, a leitura do mundo é a base para outros tipos de leitura, uma vez que toda escrita é impregnada da experiência pessoal e de sua reflexão crítica sobre suas questões, constituindo aquilo que se chamou de *palavramundo* (Freire, 1985).

Dito de outro modo, a leitura do mundo é a primeira forma de percepção e interpretação da vida cotidiana que se manifesta com a inserção do indivíduo no mundo, independentemente de outras formas de leitura, mas podendo ela ser sempre complementada, como argumentou por Paulo Freire. Portanto, ainda que possa ser efetuada de maneira autônoma, é possível que a leitura do mundo seja articulada a outras formas de leitura de modo que, quando apreendidas conjuntamente, potencializam a conjugação da *palavramundo*. Esse é o caso da leitura urbana. Além disso, considerando que a constituição da cidade se dá por uma miríade de formas, sons, cores e cheiros, além de diferentes experiências, entendemos que a adoção de uma variada gama de linguagens pode contribuir para uma percepção mais ampla sobre esse texto que, inerentemente, assume diferentes significados. Com isso, os meios audiovisuais se tornam uma intrigante e prolífica possibilidade para se pensar a construção de narrativas acerca da experiência urbana sem precisar se limitar à escrita ou ao discurso oral. E, para além de admitir diferentes formas de expressão sintetizadas em um produto único, o audiovisual também traz consigo um processo que não se encerra exclusivamente em um saber-fazer individual, podendo ser apropriado de forma coletiva.

O SABER-FAZER AUDIOVISUAL ENQUANTO LEITURA COLETIVA

Não obstante demonstrar preocupação em relação à descontinuidade de seu trabalho técnico-científico em vista da consolidação de outros modos de realização, com destaque ao cinema de ficção, Louis Lumière foi contemporâneo a outros projetos e trabalhos que se estabeleceram como cânones no campo audiovisual para a perpetuação e ampliação do debate teórico-prático a partir da imagem em movimento. Duas das mais importantes referências neste sentido datam dos anos 1920: a primeira é *Nanook of the North* (1922), de Robert Flaherty, filme que retrata, a partir de reconstituições, o cotidiano de uma tribo inuíte do ártico canadense através do registro de Nanook, personagem principal da obra; e a segunda é *A man with a movie camera* (1929), de Dziga Vertov, filme narra a dinâmica de uma metrópole no contexto de uma recém-formada União Soviética a partir da filmagem de três de suas grandes cidades. Assim como *Sortie d'une usine Lumière à Lyon* (1985) e *L'arrivée d'un train en gare de la ciotat* (1895) no final do século XIX, ambas as obras se distinguem como casos paradigmáticos por seu pioneirismo no sentido de elaborar ideias e processos inovadores no campo audiovisual, não apenas fundando teorias e práticas audiovisual, como também se abrindo para um diálogo com outras áreas do conhecimento.

Uma das disciplinas que mais evidenciam esta relação é a Antropologia, que desde os anos 1880, vem explorando modos de uso da imagem em movimento – e posteriormente do som – como



meio de documentação e estudo da alteridade. Por esta virtude, sobretudo quando lida sob a lente da Antropologia Visual, essa disciplina se torna um importante campo de estudo para a compreensão dos meios audiovisuais como meio de leitura de questões culturais. Dentro desse debate destaca-se Jean Rouch, cineasta-antropólogo cujo trabalho é permeado pela influência de referências como as supracitadas. Rouch se sobressai por adotar uma abordagem crítico-reflexiva, caracterizada pela abertura a uma *práxis* que se constrói em diálogo a outras áreas conhecimento, revelando uma sensibilidade que torna a Antropologia Visual um campo substancialmente profícuo para o estudo do documentário a partir de outras áreas do saber. Esta constatação se mostra ainda mais intrigante ao tomarmos os filmes desenvolvidos por ele durante a sua carreira, nos quais constatamos a incorporação de ideias *vertovianas* e *flahertianas* a partir de um cuidadoso trabalho de apropriação, assimilação e adaptação segundo os contextos por ele filmados, culminando na formulação do conceito de “antropologia compartilhada” (Rouch, 1995).

Com base nessa antropologia compartilhada, Rouch propôs um projeto fimográfico dialógico e reflexivo, no qual “(...) o discurso teórico é incluído na *práxis* do cinema, essa sim a condição de produção de um conhecimento passível de ser compartilhado, aquele que se constrói na mão-dupla entre observadores e observados.” (Sztutman, 2004, p. 52) Para tanto, Rouch estendeu a sua prática audiovisual para além de sua ocupação enquanto cineasta, propondo oficinas de realização audiovisual em diversos países e contextos, tendo como destaque sua experiência em Moçambique logo após a conquista da independência do país. Tais iniciativas contaram com a elaboração de filmes sobre temáticas e questões definidos a partir dos contextos de realização, tendo a montagem e a edição feita pelos participantes, além da projeção dos trabalhos para os sujeitos filmados. Dedicadas a uma formação crítico-intelectual dessas pessoas, tais oficinas são descritas por Mahomed Bamba (2009) como uma experiência substancialmente frutífera no sentido de estimular a constituição de escolas de cinema locais de cineastas qualificados. Ao contrário de um trabalho controlado de maneira hierárquica por antropólogos-cineastas europeus, os interlocutores podiam controlar a narrativa sobre as suas histórias a partir de suas próprias ideias e abordagens. A relação entre todas as pessoas inseridas nesse processo de produção audiovisual – cineasta, sujeito filmado e espectadores – assumia, com isso, uma outra forma, mais reflexiva, tanto a nível subjetivo quanto coletivo.

Considerado um exemplo importante, tanto pela escala, quanto pelo simbolismo do projeto, a experiência moçambicana encabeçada por Jean Rouch representa a aplicação de um método antropológico com objetivos educacionais. A ideia de *feedback*, recuperada da obra de Robert Flaherty, era tida pelo antropólogo-cineasta enquanto possibilidade não apenas de formação técnica como de aprendizagem a partir do processo de realização. O caráter pedagógico do projeto, porém, não se assumiria vertical, isto é, uma dinâmica na qual um indivíduo ensina enquanto o outro aprende. Pelo contrário, o conhecimento seria produzido a partir de uma esfera polissêmica, pensada a várias cabeças, numa espécie de “aventura coletiva.” (Graham, 2017) No que se refere às oficinas encabeçadas por Jean Rouch, a iniciativa visava romper com possíveis estruturas hierárquicas instauradas sobretudo pela presença de países colonizadores



em antigas colônias, fazendo um movimento similar ao questionamento da dicotomia mestre-aprendiz proposto por Paulo Freire (1974). Ainda que de maneira inconsciente, as referidas oficinas aproximavam-se da ideia de um círculo de cultura, um espaço no qual “não se ensina, aprende-se em ‘reciprocidade de consciências’; não há um professor, há um coordenador, (...) reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo.” (Fiori, 1974, p. 3)

O estudo da Antropologia Visual se apresenta como uma interessante possibilidade no sentido de se desdobrar em um amplo e diverso conjunto de processos e relações. Se o documentário é cinema engajado no mundo e cinema como *práxis*, como sugeriu Comolli (2008), sua escrita deve ocorrer a partir do encontro de visões e saberes, algo que podemos observar no trabalho de Jean Rouch, tanto em seus filmes, quanto em seu trabalho intelectual e suas experiências práticas, como o caso moçambicano. A noção de antropologia compartilhada é um exemplo de como a recuperação de fundamentos oriundos de diferentes áreas do saber dá forma à complexa dinâmica do saber-fazer audiovisual. Tomando ideias de referências como Flaherty e Vertov e aplicando-as em diferentes contextos, constatamos que a experiência rouchiana contribui, de forma direta e indireta, para diferentes debates que permeiam a nossa constituição enquanto sujeito e coletivo. A crítica, por sua vez, retorna ao campo audiovisual através da constituição de uma *práxis* efetivamente pensada a partir dos contextos situados. Isto é, um cinema feito e, em grande medida, organizado por aqueles que vivem naquele espaço. Diante desse contexto, o reposicionamento teórico-prático acerca dos meios audiovisuais não apenas assume o papel de elaboração de novas linguagens e formatos, como também se apresenta como instrumento de articulação, aventando alianças que mobilizem imaginários coletivos em torno do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enxergando nos meios audiovisuais um campo marcado substancialmente por leituras urbanas, buscamos analisar os limites e as potencialidades de utilização do documentário como forma de ampliação da percepção e, por consequência, de produção do conhecimento acerca da cidade. A partir da leitura de referências bibliográficas e de experiências práticas, percebe-se que da relação entre audiovisual e cidade emerge a capacidade de se estimular uma observação crítico-reflexiva, tornando-se esta combinação um instrumento não apenas de leitura, mas também de transformação da realidade. O exemplo que apresentamos a partir de Jean Rouch neste artigo reforça uma visão que incorpora e explora o processo de realização como parte primordial desta dinâmica. Aplicado aos estudos urbanos, a presente análise corrobora a necessidade de estabelecimento de interlocuções com os vários atores sociais e, por sua vez, subjetividades que constituem a cidade, buscando nos saberes tradicionais e nas sociabilidades formas outras de produção do conhecimento. No que se refere a fundamentos teórico-práticos, cabe ressaltar a transdisciplinaridade, como verificado em tais experiências que, idealizadas por profissionais de diferentes áreas, como antropólogos, cineastas, geógrafos e arquitetos urbanistas, são constantemente apropriadas e utilizadas sob outros contextos, áreas e domínios.



Para efetivamente se alcançar este objetivo, torna-se necessário incorporar mais pessoas nesse debate, algo que exige um diálogo contínuo e a formação de alianças duradouras. Para isto, é fundamental a sensibilidade de todas as pessoas envolvidas neste projeto de modo a dar voz e ouvir a todos, em uma reciprocidade de consciências como evidenciado pelo círculo de cultura freireano (Fiori, 1974). Pensar em uma educação libertária para a Arquitetura e Urbanismo e, desse modo, na formação de arquitetos urbanistas como “educadores libertários”, é uma interessante possibilidade não apenas por estimular maneiras de ampliar e tornar acessível um conhecimento que se mostra ainda restrito e pautado pela objetividade, mas efetivamente incorporar saberes e visões de mundo que por muito tempo foram marginalizados pela ciência. Isto implica em trazer para o planejamento urbano a vivência de sua população, tornando-a apta a contribuir nos processos de tomada de decisão e, por conseguinte, exercer o seu pleno direito à cidadania (Souza, 2006). Essa proposta se mostra substancial principalmente por articular o conhecimento teórico-prático de diversas áreas com o conhecimento resultante da experiência cotidiana, encontrando nesta articulação um terreno fértil para a proposição de novas ideias e soluções.

O projeto de Rouch empreendido desde os anos 1960 demonstra a capacidade do audiovisual de mediar tais dinâmicas e relações, sendo sucedido por exitosas experiências que dispõem de metodologias coletivas e participativas, inclusive a nível nacional, como o Vídeo nas Aldeias, em diversos contextos indígenas do país, o Vídeo Popular, em São Paulo e o Filme de Rua, em Belo Horizonte. Este parece ser um ponto de partida profícuo para se pensar a aproximação da Arquitetura e Urbanismo não apenas com outras abordagens metodológicas, mas também com outros campos do conhecimento, de modo a conjugar, enfim, a transdisciplinaridade.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019/15341-4.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo. n. 23, p. 191-203. 1994.

DAVID, Emiliano & ASSUAR, Gisele. (Orgs.). **A psicanálise na encruzilhada: Desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil**. São Paulo, 2021.

BAMBA, Mahomed. Jean Rouch: cineasta africanista? *Devires*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 92-107, jan./jun. 2009.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder, a inocência perdida**: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.



CAMPOMORI, Maurício. A transdisciplinaridade e o ensino de projeto de arquitetura. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04. 2004.

DALL’ASTA, Mônica. Los primeros modelos tematicos del cine. In: [TALENS, Jenaro; ZUZUNEGUI, Santos]. **Historia general del cine**. Volume III: Europa, 1908-1918. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998. pp. 241-302.

DA-RIN, Sílvio. **Espelho Partido**: Tradição e Transformação do Documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2002.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FIORI, Ernani Maria. Aprenda a dizer a sua palavra. Apresentação. In: [FREIRE, Paulo]. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 1-15.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GRAHAM, Zöe. Jean Rouch et le super-8 au Mozambique: les origines d’une école documentaire. In: [SHERMAN, Rina]. **Dans le sillage de Jean Rouch**. Paris: Editions de la Maison des sciences de l’homme, 2018.

LEFEBVRE, Henri. **The Urban Revolution**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

ROUCH, Jean. The camera and the man. In: [HOCKINGS, Paul]. **Principles of visual anthropology**. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2. ed., 1995. pp. 79-98.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: [VELHO, Otávio Guilherme]. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. pp. 11-25.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão e a agora**: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SZTUTMAN, Renato. Jean Rouch: Um Antropólogo-cineasta. In: [NOVAES, Sylvia Caiuby; BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da; SZTUTMAN, Renato; HIJIKI, Rose Satiko Gitirana]. **Escrituras da imagem**. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 49-62.

FILMOGRAFIA

L’ARRIVÉE d’un train en gare de La Ciotat. Direção: Louis Lumière. França: Societé Lumière, 1895. 47 seg. PB, 32mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MT-70ni4Ddo>. Acesso em: 20 set. 2024.

LA SORTIE de l’usine Lumière à Lyon. Direção: Louis Lumière: França: Societé Lumière, 1895. 46 seg. PB, 32mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxdBtYyiViY>. Acesso em: 20 set. 2024.



MAN WITH a movie camera. Direção: Dziga Vertov. União Soviética: VUFKU, 1929. 68 min. PB, 16mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cGYZ5847FiI>. Acesso em: 2 jun. 2019.

NANOOK of the north. Direção: Robert Flaherty. Estados Unidos, 1922. 92 min. PB, 35mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4fltbyhQwfU>. Acesso em: 12 mar. 2020.